

## Paternidade e maternidade na adolescência: vulnerabilidades e percepções

*Paternity and maternity in adolescence: vulnerabilities and perceptions*

Isadora Consoni<sup>1</sup> , Maria Eduarda Figueiredo Rebolho<sup>1</sup> ,  
Amanda de Souza Salvador<sup>1</sup> , Mariana Pires Ferreira<sup>1</sup> ,  
Rosana Maria Paiva dos Anjos<sup>1</sup> 

### RESUMO

**Objetivos:** Avaliar percepções sobre sexualidade, implicações da gravidez na adolescência, suas consequências e responsabilidades, propiciando identificar e refletir sobre os fatores contributivos e desdobramentos ocasionados pela maternidade e paternidade precoces. **Metodologia:** Trata-se de estudo transversal descritivo. As informações foram obtidas através da aplicação de questionários sobre o conhecimento e dos fatores contribuintes para a gravidez precoce, segundo jovens estudantes no município de Sorocaba. **Resultados:** A pesquisa foi realizada em cinco escolas públicas, totalizando 233 alunos. Com relação à sexualidade, a métodos contraceptivos e à gravidez, evidenciou-se que 22,6% dos adolescentes buscam conhecimento na família, enquanto 10,6% buscam com médicos. Em termos percentuais, 64,4% das meninas e 70,5% dos meninos tiveram a primeira relação entre 15 e 17 anos, dos quais 64,8 e 22,8%, respectivamente, fazem pouco uso do preservativo masculino, ou não o fazem. Ademais, 89 e 92% destes consideram a gravidez na adolescência prejudicial para sua formação biopsicossocial. A precocidade da menarca, das relações sexuais e o desconhecimento sobre métodos contraceptivos podem propiciar uma gestação indesejada. Aspectos próprios da adolescência os expõem a esse risco e às infecções sexualmente transmissíveis. O papel da família, dos profissionais da saúde e dos educadores é de fundamental importância, cuja orientação e diálogo, desprovidos de julgamento, impactam vigorosamente nas escolhas dos jovens. **Conclusão:** A ação conjunta de educadores e profissionais da saúde amplia o conhecimento dos jovens sobre educação sexual, de modo que os programas de saúde oferecidos pelo SUS sejam eficazes na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e da gestação precoce.

**Palavras-chave:** gravidez na adolescência; paternidade; comportamento materno; educação em saúde.

### ABSTRACT

**Objectives:** To evaluate perceptions about sexuality, implications of pregnancy in adolescence and its consequences and responsibilities, allowing to identify and reflect on the contributory factors and outcomes caused by early motherhood and fatherhood. **Methods:** Questionnaires regarding motherhood and fatherhood in adolescence and assessing knowledge of their contributing factors in the socio-cultural, economic and psychological dimension of young students in the city of Sorocaba. **Results:** The survey was conducted in five public schools, totalizing 233 students. Regarding sexuality, contraceptive methods and pregnancy, it was evidenced that 22.6% of adolescents search knowledge in the family, while 10.6% search medical advice. In addition, 64.4% of girls and 70.5% of boys had their first intercourse between 15 and 17 years old, with 64.8 and 22.8%, respectively, making little use of the male condom, or not at all. Finally, 89 and 92% of these consider teenage pregnancy to be harmful to their biopsychosocial formation. Early menarche, sexual intercourse and lack of knowledge about contraceptive methods can lead to unwanted pregnancies. Specific aspects of adolescence expose them to this risk and to sexually transmitted infections. The role of the family, health professionals and educators has fundamental importance, and their guidance and dialogue, without judgment, strongly impact the choices of young people. **Conclusion:** The cooperation between educators and health professionals extend the knowledge of young people about sex education, so that the health programs offered by the Unified Health System become effective in preventing sexually transmitted infections and early pregnancy.

**Keywords:** pregnancy in adolescence; paternity, maternal behavior; health education.

<sup>1</sup>Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde – Sorocaba (SP), Brasil.

Autora correspondente: Isadora Consoni – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde – Rua Joubert Wey, 290 – CEP: 18030-230 – Sorocaba (SP), Brasil – E-mail: [consoni.isa@gmail.com](mailto:consoni.isa@gmail.com)

Recebido em 11/09/2020. Aceito para publicação em 09/05/2021.



## INTRODUÇÃO

A adolescência caracteriza-se como transformações de cunho fisiológico e psicológico, o que marca a substituição de aspectos infantis por aqueles que constituirão a fase adulta. Tal transição pode propiciar quadros de ansiedade e insegurança, sendo que a formação e o desenvolvimento da identidade pessoal, da personalidade e da autoestima, bem como a sexualidade, podem configurar causas de conflitos.<sup>1</sup>

Em termos fisiológicos, as transformações hormonais levam as meninas à menarca e, em ambos os sexos, ao amadurecimento reprodutivo, desencadeando aumento da curiosidade pela experimentação da sexualidade.<sup>2</sup> Em termos psicológicos, os conflitos e os sentimentos de invencibilidade podem levar o adolescente a adotar atitudes transgressivas, como práticas sexuais desprotegidas, expondo-o tanto às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) quanto à maternidade e à paternidade precoces.<sup>3</sup> É um período de contestações, questionamentos e reformulação de vínculos, além da necessidade de aceitação que induz a uma uniformização comportamental de grupos.<sup>4</sup>

Além disso, enquanto antes o sexo estava vinculado principalmente à função reprodutiva, atualmente, está vinculado e compreendido pelas questões que envolvem o prazer.<sup>5</sup> Também se registra mais autonomia sexual feminina nos dias atuais, dando às mulheres liberdade para sentir prazer e relacionar-se sem o compromisso matrimonial.

Porém, desvincular sexo de reprodução propiciou também o abandono de métodos contraceptivos durante as relações sexuais. Além de os jovens não se sentirem vulneráveis aos riscos de gravidez, reduziu-se a exposição midiática e educativa de alertas sobre tais riscos. Consequentemente, aumentaram os casos de gravidez precoce e de infecções sexualmente transmissíveis.

## METODOLOGIA

Este estudo teve como recurso metodológico a pesquisa descritiva transversal, visando descrever com exatidão fatos observados no contexto de uma realidade local, demonstrando o modo de pensar, características, situações relacionadas à cultura e valores de uma comunidade adolescente.

Para tanto, a pesquisa foi realizada com aplicação de questionários a respeito da maternidade e paternidade na adolescência, do conhecimento dos fatores que contribuem para essas ocorrências, da dimensão sociocultural, econômica e psicológica, do contexto individual e coletivo de jovens estudantes no município de Sorocaba. Para isso foram elaborados dois modelos de questionário, um para meninas e outro para meninos, que foram aplicados para alunos do ensino médio de escolas públicas. Para garantir o respeito e a integridade dos participantes do projeto, esta pesquisa foi previamente analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Sorocaba/Pontifícia Universidade de São Paulo.

Na definição da amostragem, a escolha das escolas considerou a sua distribuição numérica pelas regiões do municí-

pio. Dentre todas as escolas estaduais com ensino médio mapeadas no município, em acordo com a proporção das regiões norte, sul, leste, oeste, foram sorteadas aleatoriamente cinco escolas para compor uma amostragem de um N = 233 alunos.

Os participantes foram adolescentes com idade entre 14 e 19 anos. Os questionários de múltipla escolha continham variáveis quantitativas e qualitativas, cujas respostas permitiram estabelecer um perfil relacionado a valores, hábitos, crenças e perspectivas de vida dos participantes, além de fornecer informações sobre as influências sociais, econômicas, psicológicas e religiosas.

O estudo visou averiguar e refletir sobre condicionantes relacionados à ocorrência da paternidade e da maternidade precoces e compreender algumas das implicações psicológicas e econômicas que envolvem a gravidez em adolescentes.

A forma de contato preservou a privacidade dos participantes por não conter espaço para identificação. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos participantes e dos pais ou responsáveis foi obrigatório, juntamente com um Termo de Assentimento para os jovens menores de 18 anos. Houve liberdade na concordância e interesse de cada escola convidada sobre participar ou não do trabalho.

Os dados foram colocados em um gerenciador de banco de dados e avaliados estatisticamente pelo programa Excel. O estudo estatístico foi descritivo com frequência simples, medidas de tendência central para obter a variabilidade dos dados como média, mediana, além de medidas de dispersão, como o desvio padrão (DP) para observação do grau de concentração dos valores em torno da média. Foram considerados resultados estatisticamente significantes, aqueles com  $p < 0,05$ .

## RESULTADOS

A pesquisa foi realizada em 2018 e 2019, no município de Sorocaba/SP, e contou com a participação de cinco escolas públicas, totalizando 233 alunos, sendo 145 meninas e 88 meninos.

A faixa etária média dos participantes foi 16,5 anos, a maioria com 17 anos. A maioria dos estudantes informou que seus pais possuem mais de 40 anos, são casados e têm o ensino médio completo. Um dado interessante diz respeito à idade das mães durante a primeira gestação: 40,3% apontam que suas mães tinham entre 15 e 20 anos. Quanto à religiosidade, 36,5% dos adolescentes informaram ser evangélicos e 35,6% católicos. Com relação à perspectiva, 58,9% pretendem ingressar em uma faculdade, mas 21,0% não pretendem terminar o ensino médio ou pretendem já começar a trabalhar (Tabela 1).

Quanto à idade da menarca, houve predomínio entre 11 e 14 anos, com 70,3% dos casos, dos quais 24,2% alegaram ter sido abaixo dos 10 anos. Com relação a acompanhamento ginecológico, 60% das meninas fazem ou já o fizeram, porém apenas 15,9% o fazem de forma correta, a cada seis meses. Além disso, 27,9% só recebem esse tipo de atendimento quando consideram necessário e 15,9%, uma vez ao ano (Tabela 2).

**Tabela 1.** Perfil dos adolescentes escolares do município de Sorocaba participantes da pesquisa sobre o pensar na ocorrência da paternidade e da maternidade precoces, realizada em 2019.

QUESTÕES	N 233	% 100
<b>Idade dos participantes (anos)</b>		
Entre 14–18	195	83,7
Maiores de 18	38	16,3
<b>Escolaridade da mãe</b>		
Nenhuma	2	0,8
Ensino fundamental	59	25,4
Ensino médio	103	44,2
Ensino superior	44	18,9
Não sabiam	25	10,7
<b>Idade da mãe dos participantes (anos)</b>		
Entre 26–40	100	43
Mais de 40	128	54,9
Não sabiam	5	2,1
<b>Escolaridade do pai</b>		
Nenhuma	3	1,3
Ensino fundamental	55	23,6
Ensino médio	100	42,9
Ensino superior	38	16,2
Não sabiam	37	15,9
<b>Idade do pai (anos)</b>		
Entre 26–40	63	27
Mais de 40	155	66,5
Não sabiam	15	6,5
<b>Relação entre os pais</b>		
Casados	114	49,8
União estável	18	7,7
Separados	56	24
Divorciados	28	12
Outra opção	15	6,5
<b>Idade da primeira gestação da mãe (anos)</b>		
Menos de 20	104	44,6
Mais de 20	102	43,8
Não sabiam	27	11,6
<b>Religião</b>		
Sim	223	95,8
Não	10	4,2

Continua...

**Tabela 1.** Continuação.

QUESTÕES	N 233	% 100
<b>Principais fontes de informação sobre assuntos relacionados a sexo, métodos contraceptivos e gravidez</b>		
Família	53	22,6
Médicos	24	10,6
Escola	43	18,3
Amigos	39	16,8
Televisão	14	6,0
Internet	49	20,9
Outros	11	4,8
<b>Futuro</b>		
Não pretendo terminar o ensino médio	1	0,4
Começar a trabalhar	48	20,6
Começar um curso técnico	32	13,7
Ingressar em uma faculdade	137	58,9
Não sabiam	15	6,4

**Tabela 2.** Cuidados com a saúde ginecológica das participantes da pesquisa realizada em 2019, no município de Sorocaba.

QUESTÕES	N 145	% 100,0
<b>Com quantos anos você teve sua primeira menstruação?</b>		
Ainda não menstruou	1	0,7
Antes dos 10 anos	17	11,7
Após os 10 anos	127	87,6
<b>Você já fez/faz acompanhamento ginecológico?</b>		
Sim	87	60
Não	58	40
<b>Frequência do acompanhamento ginecológico</b>		
Não faz acompanhamento	59	40,3
Semestralmente	23	15,9
Anualmente	23	15,9
Quando acha necessário	40	27,9

Considerando as principais fontes de informação sobre assuntos relacionados a sexualidade, métodos contraceptivos e gravidez, ficou evidente que 22,6% dos adolescentes apontaram a família, enquanto 10,6 e 18,3%, respectivamente, médicos e a escola, e 25%, consideraram a televisão e a internet (Tabela 1).

Os métodos contraceptivos, usados por 48,8% dos meninos e 55,8% das meninas, apresentaram preferência de 5,4% deles pela camisinha masculina e 62% pela pílula



anticoncepcional, contra 23,75% e 36,9%, respectivamente, delas. Contudo, 21,8% dos meninos e 36,9% das meninas não fazem uso de métodos contraceptivos (Tabela 3).

Em relação a esse grupo, ficou evidenciado que elevado número das meninas (64,8%) e dos meninos (22,8%) faz uso pouco frequente (ou não faz) de camisinha masculina durante as relações. Contudo, 57,3 e 43,2% de mulheres e homens, res-

**Tabela 3.** Informação dos adolescentes escolares quanto às relações sexuais em estudo realizado em Sorocaba, em 2019.

QUESTÕES N=233	Homens		Mulheres	
	N (88)	% 100	N (145)	% 100
<b>Você já fez (ou faz) uso de métodos contraceptivos (exemplo: camisinha masculina, camisinha feminina, pílula anticoncepcional, tabelinha etc.)?</b>				
Sim	43	48,8	81	55,8
Não	45	51,2	64	44,2
<b>Qual o método contraceptivo de sua preferência?</b>				
Não faço uso de métodos	19	21,7	54	36,9
Camisinha masculina	5	5,4	35	23,8
Pílula anticoncepcional	54	62	47	32,5
Camisinha feminina	5	5,4	2	1,2
Coito interrompido	1	1,1	5	3,1
Outros	4	4,4	3	2,5
<b>Você já teve sua primeira relação sexual?</b>				
<b>Se sim, com quantos anos?</b>				
Não tive relações sexuais	44	50	70	47,6
Sim, antes dos 9	1	1,3	2	1,5
Sim, entre 9 e 11	2	2,5	0	0
Sim, entre 12 e 14	8	9,3	21	14,7
Sim, entre 15 e 17	32	35,6	49	34
Sim, depois dos 18	1	1,3	3	2,2
<b>Você já teve relações sem preservativo?</b>				
Sim	64	72,7	118	81,3
Não	24	27,3	27	18,7
<b>Você considera que a camisinha masculina diminui o prazer na relação sexual?</b>				
Sim	40	45,5	56	38,7
Não	48	54,5	89	61,3
<b>Com que frequência você usa camisinha nas relações sexuais?</b>				
Sempre	40	45,4	31	21
Na maioria das relações	28	31,8	50	34,2
Na minoria das relações	16	18,2	51	35,7
Nunca	4	4,6	13	9,1

pectivamente, alegam que não teriam relações caso o parceiro se negasse a usar preservativo (Tabela 4). Porém, dentre todos os participantes, 83,5% de meninas e 75% de meninos consideram que a camisinha deve sempre ser utilizada durante as relações sexuais, contradizendo o que ocorre na prática (Tabela 4).

Em relação à prática de atividade sexual, 52,4% das meninas e 50% dos meninos já tiveram relações sexuais. Entre os sexualmente ativos, 64,4% dos adolescentes do sexo feminino e 70,5% do sexo masculino tiveram a primeira relação entre 15 e 17 anos (Tabela 5).

Quanto à gestação na adolescência, a maioria considera que a responsabilidade de evitar é de ambos os envolvidos (91% das meninas e 89,8% dos meninos). Das alunas participantes, apenas 4,8% já ficaram grávidas alguma vez e 1,1% dos alunos disseram ter engravidado a parceira. Contudo, a maior parte dos jovens (95,9% das meninas e 89,8% dos meninos) relata conhecer alguém que se tornou pai ou mãe durante a adolescência.

A respeito da maternidade e paternidade na juventude, 61 e 58% das meninas e meninos, respectivamente, consideram a gravidez como algo indesejado, enquanto 10,3 e 10,2% veem essa situação como vontade divina, logo fora de seus controles. Além disso, 89% das meninas e 92% dos meninos consideram a gravidez na adolescência prejudicial, contradizendo os 26 e 22,7% que julgam a situação como indiferente (Tabela 5).

**Tabela 4.** Informação dos adolescentes escolares quanto à prática de atividades sexuais e perfil crítico, em relação à gestação na juventude, dos participantes da pesquisa realizada no município de Sorocaba, em 2019.

QUESTÕES N = 233	Homens		Mulheres	
	N = 88	% 100,0	N = 145	% 100,0
<b>Se seu(sua) parceiro(a) não quiser usar preservativo, teria relações com ele(a) mesmo assim?</b>				
Sim	50	56,8	62	42,7
Não	48	43,2	83	57,3
<b>Em geral, você considera que a camisinha deve ser usada em todas as relações sexuais?</b>				
Sim	66	75	121	83,5
Não	22	25	24	16,5
<b>A responsabilidade de evitar uma gravidez é, principalmente, de quem?</b>				
Da mulher	3	3,4	132	9
Do homem	6	6,8	0	0
De ambos	79	89,8	23	91
<b>Você já teve alguma relação que resultou em gravidez?</b>				
Sim	1	1,1	7	4,8
Não	87	98,9	138	95,2

**Tabela 5.** Perfil crítico, em relação à gestação na juventude, dos participantes da pesquisa realizada no município de Sorocaba, em 2019.

<b>Você conhece algum jovem que virou mãe/pai na adolescência?</b>				
Sim	79	89,8	139	95,9
Não	9	10,2	6	4,1
<b>Em caso de gravidez, quem você considera o maior responsável pelo bem-estar do bebê?</b>				
A mãe	7	8	14	9,6
O pai	2	2,3	0	0
Ambos os pais	53	60,2	99	68,5
Os familiares da mãe	1	1,2	6	4,1
Os familiares do pai	0	0	0	0
Ambos os familiares	25	28,3	26	17,8
<b>Como você considera a maternidade e a paternidade na adolescência?</b>				
Algo indesejado	51	58	88	61
Uma experiência boa e desejada	8	9,1	4	2,7
Uma vontade de Deus	9	10,2	15	10,3
Indiferente	20	22,7	35	26
<b>Você considera que a maternidade e a paternidade precoces atrapalham a juventude (estudos, lazer, amizades, relações familiares)?</b>				
Sim	81	92	130	89
Não	7	8	15	11

## DISCUSSÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a gravidez na adolescência é um fenômeno que envolve jovens entre 10 e 19 anos. No Brasil, é considerado um grave problema de saúde pública e uma das principais causas de internação de mulheres por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), correspondendo a 37% das internações de mulheres dessa faixa etária.<sup>4</sup>

Estudos brasileiros apontam que a precocidade da menarca (12 ou 13 anos) configura-se como um dos fatores de maior exposição aos riscos de gravidez na adolescência. Quanto antes os jovens iniciam suas atividades sexuais, maiores são o despreparo e o desconhecimento a respeito de métodos contraceptivos, aumentando as chances de uma gestação indesejada.<sup>6</sup>

Fatores afetivos e cognitivos da própria adolescência expõem os jovens a riscos, como a dificuldade de controlar os impulsos e a necessidade de constituir a própria identidade. Nessa etapa, a capacidade cognitiva não está completamente

estabelecida e muitos não conseguem avaliar de forma crítica as consequências de suas atitudes. Além disso, o sentimento de invulnerabilidade faz com que acreditem que a gravidez é um acontecimento em potencial apenas para os demais indivíduos, mas nunca para si próprios.<sup>5</sup>

A gestação é interpretada como um processo que interrompe o crescimento e o amadurecimento do adolescente, resultando em perdas de oportunidades, riscos à saúde da mãe e do filho e, principalmente, o abandono escolar e o sofrimento psíquico.<sup>7</sup> Neste estudo, aproximadamente 89 e 92% das meninas e meninos, respectivamente, consideram que a maternidade e a paternidade na adolescência são prejudiciais à juventude. Nesse contexto, os significados de “paternidade” e “papéis de gênero” influenciam aqueles que se deparam com uma gravidez não planejada, bem como suas ações sobre ter ou não filhos.<sup>8</sup>

Sobre a influência da precocidade da menarca, a ampliação do acesso aos meios de contracepção e os relacionamentos sexuais, questiona-se a discrepância entre o acesso às informações e a ocorrência de gestações na adolescência e suas consequências. Pesquisas apontam que, dentre os motivos que figuram essa continuidade, estão: a falta de conhecimento suficiente sobre sexualidade e métodos contraceptivos; baixa qualidade e inadequação das informações; sentimento de invencibilidade; e objeção do parceiro ao uso de preservativos.<sup>9</sup>

Em estudo realizado no município de São Paulo, em 2006, 87% dos jovens declararam conhecer os métodos contraceptivos, embora 70% tenham dito não utilizar proteção durante a primeira relação sexual.<sup>9</sup> Os resultados obtidos no presente estudo corroboram os apontados em 2006, revelando que as principais fontes de informação sobre esse tema são: família (22,61%) e internet (20,92%), que nem sempre são os mais adequados, se comparados a médicos e professores habilitados (Tabela 3). Assim, obteve-se alta porcentagem de jovens que não utilizam métodos contraceptivos: 44,14% de meninas e 51,14% de meninos, aumentando o risco de uma gestação indesejada.

Ademais, mesmo entre os jovens detentores de conhecimento adequado e suficiente em relação aos métodos, existem aqueles que optam por não os utilizar. Os motivos apontados para tal conduta são: acanhamento em tratar sobre o assunto com profissionais da saúde; crença de que relações eventuais e desprotegidas não oferecem risco; confiança na efetividade do coito interrompido; e preconceito quanto ao uso de preservativos masculinos.<sup>3</sup>

Entre adolescentes que engravidaram, estudos mostraram que muitas conheciam os riscos. Entende-se que esse conhecimento não está ligado a uma implementação efetiva nos hábitos sexuais.<sup>5</sup> Justifica-se tal postura pela imaturidade psicoemocional, típica da adolescência. No presente estudo, ficou evidenciado que, dentre os adolescentes que tiveram relações sexuais, fizeram-no sem preservativo 81,33 das meninas e 72,72% dos meninos, e que 83,45 e 75%, respectivamente, consideraram que o uso é, em geral, indispensável em todas as relações.



É válido ressaltar que os valores sexistas também compõem o conjunto de risco. Para alguns meninos, a responsabilidade da contracepção cabe, exclusivamente, à parceira,<sup>2</sup> o que é corroborado pelos dados da Tabela 4, em que 62% dos meninos optaram pelo uso da pílula contraceptiva e 5,4% pelo preservativo masculino.

Entretanto, 91,04% das meninas consideram que a responsabilidade de se evitar uma gestação cabe a ambos, evidenciando a importância do empoderamento da mulher quanto ao seu corpo e à sua vida. Assim, deve-se incentivar a dissolução do pensamento ultrapassado de que a mulher é um indivíduo passivo perante o homem, rompendo com o pressuposto de que ela deve apenas acatar ordens.<sup>5</sup>

Há uma dificuldade de homogeneizar o significado de “maternidade e paternidade precoces”, já que estes são compostos por sentimentos ambivalentes, nos quais as percepções de perdas, dúvidas, inseguranças e responsabilidade se misturam com noções de formação de vínculos afetivos e possibilidade de alteração no curso da vida.<sup>10,11</sup>

A eclosão da sexualidade do adolescente envolve desejos, descobertas, riscos, sentimentos, inseguranças e, muitas vezes, despreparo. Logo a família e a escola atuam como referenciais para uma educação adequada. Porém, não há um diálogo frutífero entre os familiares que, por não dispor das informações ou por se sentir constrangidos, acabam, muitas vezes, não cumprindo seus papéis de educadores.<sup>4</sup>

Um achado relevante foi o desconhecimento sobre métodos contraceptivos de modo aprofundado. Alguns métodos estavam conceitualmente errados para muitos dos alunos. Por exemplo, “pílula anticoncepcional de uso contínuo” e a chamada “pílula do dia seguinte” foram generalizadas como sendo um mesmo método. Ou seja, o termo “pílula” era designado apenas ao fármaco utilizado em emergências para evitar uma gravidez indesejada.

Constatou-se também o uso errado desses fármacos emergenciais, como por dias consecutivos, depois de toda relação ou repetidas vezes em um período curto, como indutor de abortamento até semanas depois da relação sexual e ao notar atraso menstrual. Logo evidenciou-se a exposição a graves riscos de saúde, sendo imprescindível a orientação correta e contínua acerca do tema.

As reações das famílias diante da notícia de uma gravidez tendem a ser contraditórias. Inicialmente, nota-se sentimento de revolta e de negação que, com o tempo, acaba sobreposto pelo sentimento de aceitação.<sup>6</sup> Assim, em alguns casos, a gravidez passa a ser algo desejável, unindo os familiares em um mesmo propósito.<sup>3</sup> Inclusive, este estudo evidenciou que 17,8 e 27,73% das meninas e meninos, respectivamente, consideram que, em caso de gravidez, ambos os familiares são responsáveis pela criação e bem-estar do bebê.

Apesar das diferentes interpretações, a maternidade e a paternidade de jovens é considerada um risco social, tanto para a mãe quanto para o filho, e um grave problema de saúde pública. Algumas das preocupações dos órgãos públicos derivam das complicações sociais que o quadro acarreta,

como: abandono escolar, riscos para a saúde da mãe e do feto ao longo do período gestacional, realização de abortos clandestinos e discriminação social, interferindo significativamente em sua estabilidade emocional e psíquica até a vida adulta.

## CONCLUSÃO

Foi possível avaliar que os alunos do ensino médio, majoritariamente, entendem a complexidade dos assuntos que envolvem a sexualidade, a função reprodutiva e as implicações da gravidez na adolescência, suas consequências e responsabilidades. Entretanto, muitos são cercados por dúvidas, por mitos ou até indiferença, correndo riscos por falta de orientações que comumente são oferecidas na atenção primária. A presente pesquisa evidenciou que as principais fontes de informação são a família e a internet que, na maioria das vezes, são parciais, não técnicas, não estruturadas, heterogêneas e muitas vezes erradas, logo não substituem o atendimento médico.

É possível concluir a necessidade, mesmo com a tecnologia de fácil acesso, de uma ação conjunta de educadores e profissionais de saúde para aumentar a disseminação da educação sexual e promover acessibilidade pelo menos aos métodos contraceptivos. Afinal é imprescindível valorizar os programas de saúde pública já estabelecidos com o intuito maior de conscientizar os jovens sobre os riscos de gestação precoce e infecções sexualmente transmissíveis.

## REFERÊNCIAS

1. Farias R, Moré COO. Repercussões da gravidez em adolescentes de 10 a 14 anos em contexto de vulnerabilidade social. *Psicol Reflex Crítica*. 2012;25(3):596-604. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300020>
2. Ximenes Neto FRG, Dias MSA, Rocha J, Cunha ICKO. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. *Rev Bras Enferm*. 2007;60(3):279-85. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000300006>
3. Catharino TR, Giffin K. Gravidez e adolescência: investigação de um problema moderno. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Anais. Ouro Preto: Associação Brasileira de Estudos Populacionais; 2002. p. 1-20.
4. Moreira TMM, Viana DS, Queiroz MVO, Jorge MSB. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Rev Esc Enferm USP*. 2008;42(2):312-20. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000200015>
5. Dias ACG, Teixeira MAP. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. 2010;20(45):123-31. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000100015>
6. Santos CAC, Nogueira KT. Gravidez na adolescência: falta de informação? *Adolesc Saúde*. 2009;6(1):48-56.



7. Duarte CM, Nascimento VB, Akerman M. Gravidez na adolescência e exclusão social: análise de disparidades intra-urbanas. *Rev Panam Salud Pública*. 2006;19(4):236-43.
8. Trindade Z, Menandro M. Pais adolescentes: vivência e significação. *Est Psicol*. 2002;7(1):15-23. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100003>
9. Martins LBM, Costa-Paiva LHS, Osis MJD, Sousa MH, Pinto-Neto AM, Tadini V. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2006;22(2):315-23. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000200009>
10. Paulino GPA, Patias ND, Dias ACG. Paternidade adolescente: um estudo sobre autopercepções do fenômeno. *Psicol Pesq*. 2013;7(2):230-41. <http://dx.doi.org/10.5327/Z1982-1247201300020011>
11. Gontijo DT, Medeiros M. Significados da maternidade e paternidade para adolescentes em processo de vulnerabilidade e desfiliação social. *Rev Eletrôn Enferm*. 2010;12(4):607-15. <https://doi.org/10.5216/ree.v12i4.12340>

#### Como citar este artigo:

Consoni I, Rebolho MEF, Salvador AS, Ferreira MP, Anjos RMP. Paternidade e maternidade na adolescência: vulnerabilidades e percepções. *Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba*. 2020;22(3):99-105. <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2020v22i3a3>



Todo conteúdo desta revista está licenciado em Creative Commons CC By 4.0.